

ROUBO A ALUNOS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS: UMA QUESTÃO DE OPORTUNIDADE

**JOSIANE NEITZKE MÜLLING¹; SILVANA PILOTTO FIGUEIREDO²; DANIELA
ISLABÃO GONÇALVES³; KÁTIA GOMES⁴**

¹Universidade Federal de Pelotas – josiane.mulling@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – silvana.pilotto@ufpel.edu.br

³Universidade Federal de Pelotas – daniela.islabao@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gomeskat@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a questão da segurança pública é algo que merece atenção dos governantes e também dos pesquisadores. O índice de vários crimes é crescente, sendo o roubo um dos principais. Dados levantados pelo IBGE no ano de 2009 mostraram que 7,3% da população de dez anos ou mais já foi roubada ou furtada. E no estado do Rio Grande do sul, esse tipo de crime teve um aumento de 61,96 % de 2002 a 2017 (GOVERNO, 2018).

Em Pelotas, o aumento dos roubos chegou a mais de 200% nesse mesmo período (SIQUEIRA, 2017). Isso levou o poder público do município à proposição do Pacto pela Paz com o intuito de reduzir as taxas de criminalidade local. Segundo o guia “O Papel dos Municípios na Segurança Pública: O caso do Pacto Pelotas pela Paz”, o roubo a pedestres é um dos quatro tipos de violência que mais se destaca na cidade. E as vítimas são principalmente estudantes universitários.

Com base nesse contexto é que elaboramos o presente estudo, em que o objetivo principal é compreender a influência das condicionantes ambientais e comportamentais nas ocorrências de roubo aos estudantes da UFPel. Para tanto, utilizamos a base das Teorias da Oportunidade, contemplando a Teoria da Escolha Racional, a Teoria das Atividades Rotineiras e a Teoria do Padrão Criminal. De acordo com o referencial teórico da Criminologia Ambiental adotado, o foco de estudos concentra-se na vítima e no ambiente, diferentemente da corrente teórica clássica, ou tradicional, que foca no agressor e suas motivações para o ingresso na vida criminosa.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Pelotas-RS, com o público alvo constituído por estudantes da UFPel. Possui viés exploratório quanto aos objetivos, uma vez que busca compreender uma realidade prática (GIL, 1989). Em relação à abordagem, define-se como Quali-quantitativa. Embora o primado do trabalho seja qualitativo, foi necessário o levantamento numérico e quantitativo para a interpretação dos dados. Os procedimentos adotados englobam pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A técnica utilizada para a coleta foi a aplicação de questionário estruturado, contendo doze questões. Tal questionário foi elaborado na plataforma do Google.

O canal de disponibilização do instrumento de coleta foi o grupo “UFPel” na página da rede social do Facebook. Escolhemos este meio para disponibilizar o questionário por ele ser um ambiente virtual muito utilizado pelos estudantes para a publicação de conteúdos relativos à vida acadêmica. A propósito, no referido

grupo do Facebook são inúmeros os relatos de roubo postados por alunos dos mais diversos cursos. Os dados foram coletados no período de uma semana, de 06/07/2018 a 13/07/2018, sendo validados 96 respondentes.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário que serviu de instrumento de coleta de dados foi elaborado com base nas Teorias da Oportunidade, contemplando a Teoria da Escolha Racional, a Teoria das Atividades Rotineiras e a Teoria do Padrão Criminal. Os resultados obtidos no primeiro momento caracterizam a população em estudo, em seguida abordamos os três elementos basilares do crime: ofensor, alvo e o ambiente (compreendendo a ausência de guardiões).

Os dados levantados apontam que 60% do público roubado é do sexo feminino enquanto 40% é do sexo masculino. Portanto, as mulheres são alvos mais propícios ao roubo. Quanto à faixa etária, o dado mais expressivo é que 70,5% das vítimas tinha menos de 25 anos de idade. Sobre como a vítima estava no momento da abordagem, a maioria assinalou que estava sozinha, um total de 46,3%. Outros 37,9% das vítimas estava em dupla e somente 15,8% estava em grupo. Esses dados apontam para a necessidade de adoção de estratégias de prevenção contra os delitos. Estratégias associadas ao estilo de vida, hábitos e costumes em geral.

Embora a maioria (76,8%) das pessoas tenha relatado estar atenta no momento da ocorrência, acabou sendo alvo da abordagem. A essas informações, podemos adicionar outras características que apresentaram significativa recorrência e nos ajudaram a compreender a configuração desses alvos. Um dado importante é que 71,3% das vítimas portava de maneira visível algum bem de interesse para o agressor, geralmente aparelhos eletrônicos 64,2%. Isso sugere que, conforme apregoado pela Teoria da Escolha Racional, a decisão pela prática criminosa não é aleatória. Trata-se de uma ação pensada, em que o ofensor explora o ambiente, estuda as vítimas potenciais e analisa a possibilidade de sucesso ou fracasso na situação específica (CLARKE; CORNISH, 1985; BOBA, 2005). Dito isso, depreendemos que no caso dos roubos a universitários, o ambiente e a vítima, de modo geral, configuram-se como oportunos para a realização do delito.

Em relação a isso, buscamos compreender a composição do perfil situacional das ocorrências de roubos. Os participantes apontaram que foram abordados principalmente por sujeitos desacompanhados 47,7% e 38,9% dos agressores estava em dupla. Outro fato evidenciado no perfil do agressor é que 40% estava a pé e que 46,3% dos agressores portava arma.

O instrumento de coleta de dados buscou informações referentes ao ambiente. Os locais de maior incidência dos roubos foram os bairros Centro 61,1% e Porto 30,5%. E o relato é de que se trata de lugares de grande circulação de pessoas e com boa iluminação. Mas como 50,5% das ocorrências foi no período noturno, é bastante provável que os agressores tenham observado os momentos mais oportunos para a aproximação dos alvos. Isso porque em 67,7% dos casos não havia qualquer guardião, formal ou informal, por perto no momento da ação. Os dados levantados corroboram com as informações apresentadas no Guia “O Papel dos Municípios na Segurança Pública: O caso do Pacto Pelotas pela Paz”, de que o alto número de ocorrência de roubo a pedestres vitima principalmente universitários e jovens no período noturno (SIQUEIRA, 2017).

Os resultados obtidos indicam a inexistência de policiamento no momento do delito. Retratando a deficiência do poder público em assegurar as condições básicas de segurança previstas na Constituição Federal de 1988 como um direito de todos e um dever do Estado. Os dados evidenciam a inexistência de guardiões/pessoas da comunidade, configurando assim, que no momento do delito as condições ambientais eram favoráveis ao agressor. O que é preconizado por Waquim (2009) ao ressaltar que existem dois mecanismos básicos de proteção e controle relacionados ao crime: os públicos, exercidos pelo Estado, e os privados, exercidos pela própria sociedade.

Acreditamos que as estratégias de prevenção devem ser complementadas com outras, rotineiras (quase domésticas), associadas aos estilos de vida, hábitos, costumes e atividades dos indivíduos. De acordo com a Teoria das Atividades Rotineiras, constituído um alvo e havendo a presença de um potencial ofensor basta apenas algum facilitador ambiental para a efetivação do crime (COHEN; FELSON, 1979).

Ademais, a sociedade tem papel importante na constituição de políticas públicas. Para Rodrigues (2010), os atores privados são aqueles que possuem poder de influenciar na formatação de políticas públicas quando pressionam o governo a tomar determinadas ações. Dito isso, consideramos que os dados apresentados servem não só como norte na criação de políticas públicas como também de fomento à discussão do assunto no âmbito institucional e comunitário. Essa discussão proporciona que a sociedade articule-se com o Estado na finalidade de controlar a incidência de tipos específicos de crimes (o roubo a pedestres, especialmente estudantes da UFPel).

4. CONCLUSÕES

O presente estudo teve como objetivo compreender a influência das condicionantes ambientais e comportamentais nas ocorrências de roubo aos estudantes da UFPel. Os resultados decorrentes da pesquisa corroboram com os estudos da Criminologia Ambiental, apontando que os pesquisados estavam em um contexto que oportunizou o roubo. Percebemos com este estudo a existência de aspectos que funcionam como prováveis oportunizadores da efetivação desse tipo de crime. Nesse sentido, as Teorias da Oportunidade enfatizam o caráter racional e oportunista da ocorrência do evento. Tais teorias prestam-se à prevenção situacional, que por sua vez, objetiva a garantia da segurança por meio de medidas voltadas à redução de oportunidades. E o conhecimento das constantes que oportunizam o crime é o passo preliminar para adoção de medidas efetivas de segurança.

A pesquisa nos permitiu concluir que os potenciais alvos de roubo fazem parte de um contexto situacional onde o Estado se apresenta como uma organização deficiente na garantia da segurança. A UFPel como instituição responsável, necessita de mais apoio do poder público na garantia de segurança nas regiões em torno aos *campi*. Nesse sentido, consideramos que a combinação dos fatores ambientais localização e turno observada nas respostas que obtivemos está em consonância com as Teorias da Oportunidade. A região central e portuária foram as zonas da cidade em que ocorreram a grande maioria dos roubos a estudantes. E o turno da noite foi o período de tempo em que houve maior incidência, seguido do turno da tarde. O perfil da maioria das vítimas consistia em jovens, geralmente com menos de 25 anos. Outro dado relevante é que as vítimas, na maioria das vezes, estavam sozinhas ou em duplas

nomomento da abordagem. Por fim, os resultados obtidos apontam para a necessidade de novos estudos na área, mais detalhados e articulados com a prevenção situacional. Em que se possa constituir um padrão criminal a partir do cruzamento dos dados geográficos, temporais e espaciais dos alvos e ofensores. Esperamos que os resultados obtidos proporcionem avanços na compreensão do fenômeno sobre o qual incidimos esse olhar inicial.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOBA, Rachel. **Crime analysis and crime mapping**. United States: Sage Publications, 2005.

BRASIL. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Características da vitimização e do Acesso à Justiça no Brasil 2009**. IBGE, 2010. Disponível em <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=247311>>. Acesso em: 26/06/2018.

CLARKE, Ronald; CORNISH, Derek. **Modeling Offenders' Decisions - A Framework for Research and Policy**. Crime and Justice Review of Research, Volume 6, P 147-185, 1985.

COHEN, Lawrence; FELSON, Marcus. **Social change and crime rate trends: a routine approach**. American Sociological Review, v.44, p. 588-608, 1979.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1989.

GOVERNO DO ESTADO. Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio Grande do Sul (SSP/RS). **Indicadores Criminais**. Disponível em: <<http://www.ssp.rs.gov.br/indicadores-criminais>>. Acesso em: 02/07/2018.

SIQUEIRA, Regina Célia Esteves. **O papel dos Municípios na Segurança Pública: O caso do Pacto Pelotas Pela Paz. A experiência da cidade na prevenção à violência por meio de estratégias proativas e integradas de segurança pública**. São Paulo: Comunitas, 2017. Disponível em: <<http://www.comunitas.org/portal/publicacoes/>>. Acesso em: 20/06/2018.

WAQUIM, Bruna Barbieri. **Prevenção situacional. Teses, técnicas e reflexões**. Revista Jus Navigandi, Teresina, ano 14, n. 2255, 2009. Disponível em: <<https://jus.com.br/artigos/13437>>. Acesso em: 11/07/2018.